

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2009 – Vol. IV

OS MARACANÃS: O TEATRO MELODRAMÁTICO DE JOSÉ FORTUNA

Alan Febraio PARMA

(Orientadora): Profa. Dra. Maria Eugênia Boaventura

Resumo; Neste trabalho, são apresentadas quatro peças teatrais de autoria de José Fortuna, um compositor de músicas sertanejas conhecido no interior de São Paulo, sendo que suas músicas já foram gravadas por diversos artistas, como Chitãozinho e Xororó e Roberto Carlos. Com esse trabalho pretende-se trazer à tona alguns fatores da vida desse autor desconhecido pelo grande público, bem como analisar sua obra teatral, de cunho melodramático.

Palavras-Chave: Teoria Literária; José Fortuna; teatro; melodrama.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo não só analisar as peças teatrais escritas por José Fortuna, mas também trazer à tona a obra desse que foi um dos maiores compositores de música sertaneja de todos os tempos.

Em sua obra, encontramos desde poemas até as tão conhecidas músicas por ele escritas. Sucessos que até hoje escutamos na voz de grandes nomes da música sertaneja e da MPB foram compostos por ele, um homem simples que saiu da pequena cidade de Itápolis, interior de São Paulo, para fazer carreira e brilhar em grandes festivais pelo Brasil.

Sua obra atinge primordialmente as massas mais simples, o que talvez seja um dos motivos para que muitas pessoas não a conheçam. Com este trabalho, apresentaremos um pouco da vida e da obra de Zé Fortuna com o objetivo de divulgar um dos nossos grandes nomes da cultura sertaneja do século XX e impedir que ele caia em esquecimento.

Biografia

José Fortuna nasceu na cidade de Itápolis, interior do Estado de São Paulo, no dia 02 de outubro de 1923. Morava com sua família num sítio e desde criança, enquanto caminhava com seu pai pela lavoura, escrevia versos no chão de terra com um pedaço de madeira. Começou, então, a compor diversas músicas sertanejas nos anos seguintes e em 1944 gravou sua primeira canção “Moda das Flores”.

Em 1947, ele e o irmão, Euclides Fortuna, formaram a dupla *Zé Fortuna e Pitangueira* e mudaram-se para São Paulo. Um ano depois, junto ao acordeonista Coqueirinho, formaram o trio “Os Maracanãs” e se apresentaram na Radio Record, de São Paulo. Na sua formação definitiva, “Os Maracanãs” não contava mais com a presença de Coqueirinho, substituído por Zé do Fole. Essa formação gravou mais de quarenta LPs e dezenas de discos ainda com 78 rotações, todas as músicas compostas por José Fortuna. Além disso, esse trio, em 1950, inaugurou o canal 5, hoje a Rede Globo de Televisão.

Um dos maiores sucessos de José Fortuna é a versão da guarânia “Índia”, gravada por *Cascatinha e Inhama*, em 1952. Essa é uma das músicas mais regravadas do compositor, a qual também ganhou versões de cantores da MPB, como Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa.

Porém, José Fortuna não se limitou apenas a músicas sertanejas. Ele também escrevia pequenos livretos de literatura de cordel e chegou a escrever 42 peças de teatro popular, apresentadas em diversas cidades, em espetáculos itinerantes, chegando até mesmo a se apresentar fora do Brasil, em outros países da América Latina. Suas peças eram encenadas por ele mesmo, juntamente com os demais integrantes da Companhia Teatral Maracanã, recebendo diversos prêmios e troféus, e ficando conhecidos como “Os Reis do Teatro”. As atividades da Companhia foram encerradas em 1975.

Encerradas as atividades teatrais, José Fortuna volta a se dedicar com mais afinco à composição. Era essa a época dos grandes festivais de música sertaneja promovidos pela Radio Record, dos quais José Fortuna participou de mais de 20 seguidos, conquistando sempre as primeiras colocações. Em um deles, por exemplo, em 1979, obteve os três primeiros lugares com as músicas “Riozinho” (1º lugar), “Berrante de Ouro” (2º lugar) e “Brasil Viola” (3º lugar).

Recebeu ao longo de sua vida diversas homenagens, como o Cartão de Prata, a Medalha Anchieta e o Título de Cidadão Paulistano, concedidos pela Câmara Municipal de São Paulo. Na sua cidade natal, Itápolis, ganhou a Sala José Fortuna no Museu Municipal, onde estão expostos itens pessoais, fotos de suas apresentações teatrais e musicais, bem como as capas de seus LPs. Além disso, ainda ganhou nessa cidade uma avenida com o seu nome, Avenida José Fortuna, inaugurada por ele apenas 20 dias antes de sua morte. Sobre essa homenagem, conseguiu ainda escrever uma música, “Avenida Boiadeira”, cujo refrão fala da honra recebida.

No dia 10 de novembro de 1983, na sua casa na cidade de São Paulo, José Fortuna faleceu, vítima do mal de Chagas que o acompanhou durante toda a sua vida. Deixou sua esposa, Durvalina, e suas duas filhas, Iara e Marlene. Foram mais de 2500 composições, sendo que quando faleceu, ainda havia deixado 900 músicas inéditas. Suas músicas fizeram grande sucesso em seu tempo e até hoje são regravadas por grandes nomes da música sertaneja, como Chitãozinho e Xororó, Daniel e Tônico & Tinoco.

As peças

As peças teatrais que Zé Fortuna escreveu e interpretou são melodramas, geralmente tragicômicos. Eram encenadas em circos, daí seu caráter itinerante: assim, foi possível a ele e à sua companhia teatral avançarem até os mais distantes lugares do Brasil. Ele viajava acompanhado de seu irmão, Pitangueira, e há registros de que até mesmo sua filha mais velha, Iara Fortuna, participava das encenações dessas peças.

Suas peças tinham a marca do sertanejo, atingindo um público amplo, amante da arte dita caipira. Por isso suas peças se passam todas em ambientes rurais, sertanejos, além de trazer elementos característicos dessa cultura, como fazendeiros e capangas.

Para este trabalho, foram selecionadas quatro peças dentre as quarenta e duas escritas pelo autor. São as seguintes: *Beijo da morte*, *Amor e traição*, *Lenda da valsa dos noivos* e *Os valentes também amam*. Todas são peças que tratam do amor, ou da impossibilidade de um casal ficar junto, seja pela proibição dos pais, seja pelas armadilhas criadas por um vilão que deseja a noiva. A seguir, estudaremos um pouco mais a fundo as peças selecionadas e apresentaremos alguns aspectos do gênero melodrama que estão presentes nelas.

O melodrama em José Fortuna

O vocábulo “melodrama” surgiu no século XVI para designar as peças que buscavam reproduzir as características do teatro greco-latino, ou seja, buscavam um enlace entre a ação teatral e a música, sendo essa usada para realçar os efeitos dramáticos. A partir do último quartel do século XVI até meados do século XVIII, era sinônimo de ópera. Em seguida, passou a designar qualquer declamação de qualquer texto com acompanhamento musical, até que, de 1790 em diante, tornou-se uma peça autônoma, sem o suporte musical. A “estética melodramática”, portanto, surgiu no século XVIII com a lenta transformação dos gêneros literários, junto com o crescimento do público de massas populares e pela sensibilização pelos anos de Revolução na França.

O objetivo primeiro do melodrama é emocionar e impressionar o espectador, usando diversos recursos para tanto, até mesmo afastando-se da verossimilhança. Segundo o *Dicionário de termos literários*¹, o melodrama é uma peça em prosa que explora ilimitadamente diversos elementos considerados fáceis, tais como: sentimentalismo exacerbado, não raro caindo no patético, comicidade ocasional, assassinatos, mistérios, equívocos que se desfazem de repente e linguagem despojada, “popular”, de imediato entendimento.

¹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. Editora Cultrix, São Paulo, 1974.

Os personagens desse gênero são claramente divididos em bons e maus: eles são carregados de bons ou maus sentimentos, virtudes e de evidências que não caem em contradição, ou seja, eles são caracterizados artificialmente, enfatizando os efeitos espetaculosos, bem como as virtudes do herói e os defeitos do vilão, o que reafirma a qualidade didático-moralista e sentimental da obra. São esses sentimentos e características dos personagens que favorecem uma identificação dos espectadores com os personagens, sendo essa outra forma de facilitação do entendimento da obra.

A escrita, segundo Thomasseau (2005), não está ligada à da literatura, uma vez que o autor de um melodrama escreve visando atingir o popular, já que se trata de um teatro de massas. Esse é o gênero predileto da burguesia da época em que ele surgiu, pois se trata de uma arte que atende aos desejos de toda a população, além de ser um local onde os populares podem falar deles mesmos, de seus dramas e de suas vidas. Os diálogos são fortemente marcados pela função emotiva da linguagem, o que, com certo acompanhamento de música incidental, realça demais os sentimentos dos personagens, o que caracteriza seu forte apelo sentimental. Além disso, as falas carregam vários vícios da linguagem sentimental, dramática e realista próprias de cada geração, o que confere pouco universalismo ao gênero, o qual envelhece rapidamente.

Aos atores, cabe um papel de extrema importância: uma vez que os diálogos são simples, cabe à atuação o papel de destaque e de grande originalidade das peças do gênero. Tratavam-se de atuações exageradas, estereotipadas, repletas de mímicas e comportamentos particulares. Esse é o momento em que surge a *mise-en-scène*, que prefere a linguagem puramente cênica das ações e das imagens, o que permitia que os atores não se ativessem a um “texto literalizado”, mas que expressassem sua personalidade dramática.

O acompanhamento musical é amplamente utilizado, o que lhe confere grande importância na obra. A música é expressiva e descritiva, com uma certa função emocional na peça: ela pode substituir o diálogo na pantomima, prepara e sustenta os efeitos dramáticos e patéticos e acompanha a entrada e saída dos personagens. O compositor, portanto, era figura fundamental num melodrama, o que no caso de José Fortuna era muito mais fácil, uma vez que ele, o escritor das peças, era o próprio compositor das músicas dessas.

Trata-se de uma época de grandes inovações no que tange à questão dos cenários: surgiram aí os panoramas, dioramas, entre outros. Alguns lugares são frequentes e representam sentimentos e estados de espírito das personagens também: por exemplo, a choupana é o espaço da miséria, do trabalho ou da felicidade e, embora cercado, ele será transgredido pelo vilão, que alterará a condição atual do local. Outros lugares comuns são a prisão, local de sofrimento e rendição dos personagens, o castelo, símbolo da riqueza e do poder, e a floresta, local onde perigos e agressões são constantes, mas que conta com um refúgio: a caverna.

Através de seus dramas, cultuam-se a virtude e a família, além de honrar o senso de propriedade e de valores tradicionais. O nome mais expressivo do teatro melodramático é o do francês Charles de Pixérécourt (1733-1844), o qual escreveu cerca de cento e vinte peças, entre elas adaptações de contos de terror e de suspense.

O melodrama carrega, desde suas origens, uma imagem negativa, graças ao seu caráter popularesco, e até hoje é referido pejorativamente. O gênero não chegou a criar grandes obras literárias, sendo até mesmo considerado atualmente como uma subliteratura, uma paraliteratura. Porém, influenciou em larga escala as novelas de rádio e televisão atuais, além, é claro, de ter servido de inspiração definitiva para o drama romântico que o substituiu, deixando suas marcas no próprio teatro e na ficção oitocentista.

Nas quatro peças de José Fortuna tratadas aqui a questão essencial é a do relacionamento homem-mulher, que é atrapalhado por um segundo elemento masculino, o qual cobiça a mesma mulher que o herói. Seja esse um casal de apaixonados, sejam eles já marido e mulher, sempre há uma terceira pessoa que prejudicará essa relação, criando obstáculos para que ela se consuma ou para que continue. Dessa forma, o amor sempre é impossível aos heróis, o que os torna muito infelizes e não permite que haja um final feliz na história, a qual geralmente acaba com uma grande tragédia.

Porém, as peças sempre são carregadas por um tipo de humor muito específico: sempre há um personagem cômico, geralmente um dos empregados do casal e confidente de um dos apaixonados, é apresentado de forma estereotipada, cometendo erros gramaticais ou mesmo fonéticos em suas falas. Duas falas são repetidas em todas as peças para produzir humor. A primeira é um cacófono: “vô mi já, e vorto já cá”² (*Os valentes também amam*), dito em todas as vezes em que o cômico anuncia que vai se retirar para algum lugar. A segunda é uma sinestesia geralmente utilizada quando esse tipo de personagem vai ler um bilhete (recurso muito utilizado pelos apaixonados nessas tramas), em que ele afirma que “sem ócro não escuito nada” (*Amor e traição*).

O acaso também é um recurso freqüente. Geralmente, é justamente o personagem cômico quem ouve um vilão dizendo para si mesmo o seu plano maquiavélico para separar o casal de apaixonados. Outro dos recursos típicos do melodrama, o mistério, também é recorrente na obra de José Fortuna, como, por exemplo, em *Lenda da valsa dos noivos*, na qual a personagem Chiquinha escreve seu segredo em um bilhete e o entrega a Floriano pedindo que esse o leia apenas quando ela morrer.

Para que seja possível traçar um panorama, mesmo que mínimo, desse autor tão pouco conhecido e estudado em meios acadêmicos, faremos, a seguir, um resumo de cada uma das peças, levantando seus elementos que permitem que ela seja considerada como uma obra melodramática.

² As falas foram mantidas tais como aparecem nos originais consultados, para demonstrar o modo de representar estereotipadamente uma maneira de falar, a maneira do sertanejo.

Amor e traição

Madalena é filha de Tereza, uma viúva pobre que mora com o irmão italiano, Guido, um dos cômicos da peça. A garota é apaixonada por Roberto, seu vizinho, filho do Barão do Bonfim, homem rico e inescrupuloso, o qual impede a união dos jovens devido à grande diferença social entre eles, enviando seu filho para estudar em Portugal. Roberto consegue apenas enviar um bilhete à Madalena, avisando-lhe sobre sua viagem e a garota, ao lê-lo, desmaia e acaba tendo sua saúde debilitada pouco a pouco. Essa é uma cena que demonstra pontualmente o sentimentalismo exacerbado narrado no drama, quando Madalena, ao ler o bilhete de Roberto que lhe fazia juras de amor eterno, mesmo que distantes um do outro, cai ao chão e adoece.

Dez anos depois, a menina continua de cama. O médico, em seu diagnóstico, diz que se trata de uma tuberculose causada por uma grande paixão, o que retira a verossimilhança da peça, mas se trata de um recurso usado para aumentar a dramaticidade, mostrando como os dois se amam. Inesperadamente, Roberto retorna de Portugal e vai direto para a casa de Madalena. Lá, ele encontra a moça muito enfraquecida, a qual, ao vê-lo, desmaia e todos a consideram morta. Nesse momento, chega o Barão à esse local e seu filho o culpa pela morte de sua amada, fugindo logo em seguida, acompanhado de Mosquito, ex-funcionário do Barão, seu amigo de infância e o outro cômico da peça. O Barão, tomado de ódio por ter perdido o amor do filho e de recalque por Tereza nunca ter correspondido seu amor, apunhala a pobre viúva pelas costas, colocando a culpa em Guido, o qual é preso.

A prisão é um dos cenários mais recorrentes nessas peças, e é lá que Guido sofre com sua solidão e pelas torturas recebidas para que ele confesse o crime que não cometera, o que ele um dia acaba fazendo. Desde a prisão de Guido até a sua “confissão” já havia se passado seis anos e só depois desse ato do italiano é que lhe permitem receber visitas e lá está Madalena para visitá-lo. Nesse momento, um mal-entendido é resolvido: no dia em que Madalena vira Roberto ela apenas desmaiara, sendo diagnosticada uma catalepsia. A garota, agora curada, juntara dinheiro para libertar seu tio da prisão e juntos eles percorrem o Brasil, ela procurando por Roberto, para consumir sua união com o amor de sua vida; ele procurando pelo Barão, para se vingar de seus anos de reclusão.

Roberto e Mosquito estão vivendo na floresta Amazônica, totalmente irreconhecíveis, enfrentando feras selvagens. Um dia, bate à porta deles um velho cego, com um bilhete de confissão: era o Barão, arrependido de seus atos, procurando desesperadamente por seu filho. Porém, ele morre nos braços desse assim que lhe conta toda a verdade sobre Madalena e sobre Guido. Logo em seguida, chegam à choupana Madalena e seu tio, sendo que o italiano perdoa o ambicioso Barão e o casal de jovens pode enfim viver juntos.

Essa é a única peça do corpus selecionado em que o casal consegue se unir no final. Porém, assim como nas outras, o amor é o mais nobre dos sentimentos, mas sempre é impedido por alguém que impõe algum obstáculo à união do casal de apaixonados. A paixão entre os jovens é demais intensa, e nem mesmo a distância

consegue diminuí-la e propõe a moral de que o amor vence quaisquer barreiras. Além disso, tem uma passagem em que reafirma morais da família tradicional do século passado, quando Tereza nega entregar seu coração ao Barão por ser uma mulher viúva, que deve honrar a memória de seu marido. Características como essas serão vistas nas demais peças, exibidas a seguir.

O beijo da morte

A trama narra a paixão entre os primos Zequinha e Leonor, paixão essa desencorajada e impedida pelo pai da garota, Fulgêncio, homem rico que deseja a todo custo ver a filha casada com o inescrupuloso Luciano. A criada da casa é Cota, a qual, juntamente com tia Faustina, uma velha solteirona, é a cômica da peça. Cota descobre que Luciano apenas está se casando com Leonor para pôr as mãos na herança dessa. Fulgêncio, porém, anuncia o casamento de sua filha com Luciano, o qual entra numa briga com Zequinha, esse último tentando defender seu amor por sua prima.

Um mês se passou e o casamento de Leonor estava prestes a ser realizado. Depois daquela briga, Zequinha havia fugido, porém Fulgêncio havia pedido que Currupião, seu capanga, matasse o garoto assim que o visse. Cota ouve tudo e conta para a garota e essa decide se matar, expondo sua decisão com forte apelo emocional:

“LEONOR – Agora já é tarde, Cota; não tenho mais esperança; Zequinha não voltará jamais; e se voltar será morto; seria melhor; porque morreria-mos juntos; mas pelo que vejo meu destino é morrer sosinha...”

Porém, nesse momento, Zequinha aparece na casa da moça e ambos resolvem fugir juntos, mas acabam sendo pegos por Currupião. Há então uma luta entre o capanga e o garoto, sendo que esse último apunhala o primeiro. Contudo, justamente nesse momento surge Fulgêncio acompanhado de um policial que prende Zequinha culpado de assassinato.

Na cadeia, local de privações e de sofrimento, Zequinha recebe um bilhete de Leonor, jogado lá dentro por Cota, no qual dizia que se ele não aparecesse na casa dela até a meia-noite, ela se mataria. Ajudado por Cota, Zequinha consegue fugir da prisão, mas a empregada é baleada e morre.

Na noite do casamento, Leonor tenta avisar seu pai sobre as reais intenções de Luciano de conseguir a herança da menina, mas o pai dela, irredutível, não se deixa levar pelas súplicas da filha e lhe conta uma mentira: diz que Zequinha havia sido encontrado morto. Desconsolada, Leonor resolve cumprir sua promessa de se matar caso não pudesse ficar junto de seu primo, mas antes resolve escrever um bilhete para Cota, contando-lhe sua decisão. Ao fazê-lo, deixa o bilhete sobre uma mesa e sai para buscar o revólver.

Zequinha entra escondido na casa de Leonor e a primeira coisa que vê é o bilhete que a moça escrevera para sua empregada dizendo que havia se matado. Assim o equívoco mais uma vez determina a seqüência das ações, culminando em algo trágico: Zequinha se mata tomando veneno. Leonor, ao ver o corpo de seu primo amado, tem plena convicção de seu desejo de se matar e, para tal, beija a boca de Zequinha, engolindo o veneno que escorria de lá. Para finalizar a peça, Fulgêncio observa a cena demoradamente e diz para o público que nunca se deve contrariar o coração, pois quem vence no final é sempre o amor.

Esse é um final clássico para um melodrama e também o mais comum às peças de José Fortuna aqui expostas. Já que o amor é impossível e nenhum dos amantes consegue viver sem o outro, a morte é a melhor escapatória à dor do coração partido. Interessante notar como é realmente o objetivo do autor comover e impressionar a platéia, uma vez que a morte dos amados é consumada com um beijo de amor, o que cria um quadro extremamente romântico ao mesmo tempo que trágico. E essa tragédia é causada por um terrível engano, que determina toda a seqüência final da peça.

Os valentes também amam

Clarindo e Rosa são um casal feliz que está prestes a pagar a última prestação da hipoteca do sítio deles para o ambicioso Gregório. Porém, esse enganou Clarindo e pretende, além de ficar com o sítio para ele, casar-se com Rosa, a qual acabara de descobrir que estava grávida de seu amado marido. O criado da casa, o cômico Baiano, é o único que sabe ler e ele estava tentando ensinar Rosa quando começou uma tempestade e ele teve que procurar por Clarindo, que havia saído. Nesse meio tempo, chega Gregório ao sítio e ele tenta beijar Rosa, oferecendo-lhe, em troca, o documento que pediria a desocupação do sítio. Porém, nesse momento retornam à casa Clarindo e Baiano. Depois de um pequeno desentendimento, Baiano vai provar para Gregório que sabe ler e pega uma papel caído no chão: tratava-se da ordem de despejo de Clarindo e Rosa. Sempre o acaso determinando situações importantes para os personagens principais da peça.

Com a descoberta, Clarindo e Gregório lutam ferozmente e Rosa sente um mal súbito e acaba desmaiando, enquanto o vilão fugia. Vem um médico para tratar de Rosa, mas ela não resiste e acaba falecendo. Aqui, a carga emotiva é bem grande, com intenso uso da função emotiva, como, por exemplo, quando Clarindo grita em sua dor:

“CLARINDO – Oh, Deus, quanta maldade, quanta felicidade destruída..”

O médico termina de pagar a dívida de Clarindo para com Gregório, mas o pobre viúvo acaba enlouquecendo, devido à sua perda, e todos os dias vai chorar sobre o túmulo de sua mulher amada. Baiano continua ao lado de seu patrão, mas

esse, não estando bem, pede que Baiano vá embora e que não impeça alguém de tirar a vida dele uma vez que sem Rosa, sua vida não fazia mais sentido.

Um dia, ao ir ao cemitério, Clarindo é esfaqueado por Gregório sobre o túmulo de Rosa. Baiano, então, apunhala Gregório, vingando a morte de seu amigo. O criado ainda deixa sobre o corpo de Clarindo uma corrente com uma medalhinha de uma santa, para que esse possa se encontrar com Rosa no céu.

A peça apresenta um final tipicamente trágico, com a morte de praticamente todos os personagens, com o intuito de provocar a comoção geral da platéia. Nela, porém, diferentemente das duas peças anteriores, não se trata da impossibilidade de união de um casal de apaixonados, mas da destruição de um relacionamento longo e duradouro, bem no momento em que o casal estava mais feliz, com quase todas suas dívidas pagas e com a expectativa de um filho a caminho.

Novamente somos apresentados a personagens estereotipados, com características extremamente demarcadas e reconhecíveis. O casal é bom, honesto e suas falas são sempre carregadas de uma inocência e simplicidade quase pueris. O empregado é o cômico, além de ser um fiel defensor de seus patrões. E o vilão, como é de se esperar, é uma pessoa inescrupulosa, com interesses vis e egocêntricos, que não mede esforços para atingir seus objetivos, sempre passando por cima dos bons moços que o consideravam um amigo.

Lenda da valsa do noivos

A quarta e última peça do *corpus* selecionado é a que apresenta maiores mudanças na sua estrutura, embora ainda seja melodramática por apresentar diversos aspectos próprios do gênero. A primeira diferença essencial é a presença de um narrador. Essa figura tem uma utilidade explicativa, uma vez que a peça apresenta dois momentos distintos da história: o passado, contado por Floriano, e o presente, trinta anos depois dos fatos narrados.

A segunda diferença essencial é a presença de falas em versos, e não em prosa. Esse recurso é utilizado por Floriano nos momentos da narração direta de sua história para o garoto Juquinha. Esse é outro recurso diferenciador de tempos enunciativos, uma vez que, durante a história, quando Floriano é personagem e não narrador, suas falas também são em prosa.

A história começa com Floriano voltando, trinta anos depois, à cena do crime que ele próprio cometera. Na forma de versos, ele já faz uma síntese da obra para os espectadores, apresentando os fatos que se sucederam naquele local:

“FLORIANO – Trinta anos se passaram / Desde aquela madrugada / Que neste mesmo terreiro / Naquela noite estrelada / Aqueles noivos dançavam / Enquanto a sanfona tocava / Uma valsa apaixonada / Era a derradeira valsa / Que eles iam dançar / Pruquê eu tava de tocaia / Os seus passos a espiá / E com dois tiros serteiro / Derrubei os dois no terreiro / Pra nunca mais levantá”

Enquanto ele entra na casa abandonada, chega Juquinha, mandado por seu pai para ver quem ou o quê tinha aberto a porta. Temendo ser uma assombração, Juquinha se assusta quando vê Floriano e esse lhe diz que não está morto de corpo, mas morto de coração e começa a contar ao garoto a verdadeira história por trás da lenda de que à meia-noite, as almas de um casal de noivos vinham dançar uma valsa.

A cena então se transforma e o narrador³ anuncia que havíamos voltado trinta anos no tempo. Dessa forma, vemos uma sala onde estava Chiquinha e sua mãe, Dona Clara. A garota está impaciente, pois é o dia de seu casamento com o professor Antônio e esse demora a chegar. Entra em cena Floriano e Chiquinha pede que ele vá buscar o escrivão. Porém, Floriano era apaixonado por Chiquinha e ainda não se conformara com o casamento dela com um outro homem. Ele tentava persuadir Chiquinha a ficar com ele quando Dona Clara, que ouvia tudo por detrás da porta, retorna à sala e o manda ir imediatamente buscar o escrivão.

Assim que o rapaz sai, a mãe da menina resolve lhe contar um grande segredo: Floriano era irmão de Chiquinha. No texto, está marcado nesse momento que deve haver um acorde forte e rápido, para aumentar o impacto das palavras de Dona Clara à sua filha. Chiquinha queria contar isso imediatamente ao rapaz, mas sua mãe a proibira, uma vez que Floriano poderia querer parte nas propriedades que seriam herdadas pela garota.

Enfim chega o noivo à casa e logo em seguida chega o escrivão. Todos vão almoçar, menos Floriano. Chiquinha, ao ver isso, chama o rapaz para uma conversa na qual ele se mostra muito triste. A garota, impedida de contar seu segredo a ele, escreve-o num papel e pede que seu irmão recém-descoberto apenas o leia depois de sua morte, para que ele entenda o motivo que os impede de se unirem. Floriano, então, decide acabar em breve com o suspense, matando Chiquinha e Antônio para poder abrir o envelope e impedir esse casamento.

Durante a festa, há várias cantorias. São introduzidas aqui duas músicas do próprio José Fortuna, “Paineira Velha” e “Retalhos de Amor”, o que sucita a idéia de que os espectadores iam ao espetáculo com a esperança de ouvir os grandes sucessos do conhecido compositor durante o desenrolar de suas peças. Depois de tocadas essas duas músicas, começa a tocar uma valsa, a qual os noivos dançam juntos. Floriano interrompe a festa e diz que se Chiquinha não ia ser dele, então não seria de mais ninguém, e atira nela e em seu noivo. Aproveitando-se da confusão, ele foge e lê o bilhete no qual descobre ser irmão da menina que ele acabara de matar. Arrepentido, ele se entrega à polícia e, assim, voltamos a acompanhar a narração do velho Floriano ao jovem Juquinha.

Enquanto conversavam, ambos escutam uma sanfona e o garoto foge do local, deixando Floriano sozinho, ouvindo aquele som estranho. Então ele vê Chiquinha e

³ Quando o narrador for o personagem Floriano será discriminado aqui. Ao fazermos a menção apenas ao narrador, estaremos nos referindo especificamente à voz que narra os fatos mas não participa deles.

Antônio dançando a valsa. Floriano pede perdão à sua irmã e, tomado de uma grande emoção, morre ali mesmo, confirmando a existência da lenda da valsa dos noivos.

Apesar das diferenças apontadas anteriormente, a peça mantém estruturas encontradas nas demais, além de características próprias do gênero melodramático. O suspense feito em torno do segredo que Dona Clara guardara por anos de sua própria filha e que é revelado para Floriano num momento de grande tensão é evidentemente uma forma de causar grande impacto para os espectadores.

Outra forma de causar grande impacto é o acompanhamento musical, aqui muito bem marcado. Em momentos de grande tensão, está evidenciado no texto que o contra-regra deve inserir um acorde forte e rápido, como no exemplo abaixo:

“FLORIANO – Se ela morrer primeiro, eu posso abrir este envelope. (REFLEXÃO)
Hã, então eu vou abrir muito logo. Porque Chiquinha não vai viver muito não, eu vou matá Chiquinha...

CONTRA REGRA – (ACORDE RÁPIDO E FORTE)”

Por fim, o final extremamente trágico também caracteriza a peça como melodramática. Vale ressaltar aqui o arrependimento do vilão Floriano. Porém seus atos anteriores foram impulsionados por ganância e por um sentimento egocêntrico, o que faz com que, embora ele peça perdão, seus atos sejam condenados pelo público que, logicamente, tem um envolvimento maior com os heróis da peça.

Conclusão

Como nos foi possível observar através da análise dessas quatro peças, o público é fator determinante para o desenvolvimento das tramas. Seguindo a característica primeira do melodrama, que era de impressionar e emocionar os espectadores, José Fortuna constrói suas peças com esse intuito, usando muitas vezes de elementos que, para um leitor atual, podem parecer exagerados, mas que para o público da época (1960 – 1970) eram representativos daquilo que eles queriam ver encenados. Público, esse, de populares, que iam ao circo com suas famílias para ter um entretenimento barato e de fácil assimilação para eles.

Os momentos de excessivo sentimentalismo são fortemente marcados e, de certo, eram eles os maiores atrativos dessas peças. Peças cujos enredos são simples, que apresentam sempre elementos que se repetem, o que demonstra ser esse mais um estilo de José Fortuna para compôr sua obra do que falta de criatividade.

O teatro sempre fora uma paixão para José Fortuna, que quando começou a escrever suas primeiras peças já era um compositor de sucesso. Essa sua arte é desconhecida da grande parte do público, mesmo de seus grandes admiradores. Suas canções foram imortalizadas na voz de grandes nomes da nossa música

brasileira, porém seu teatro não atingiu grande repercussão depois que sua companhia teatral se dissolvera.

Há dois possíveis motivos para tal esquecimento de suas peças: o primeiro é pelo gênero melodramático, que ainda hoje é considerado como uma literatura menor, isso se for considerado como um tipo de literatura, o que não agrega valor cultural às peças. O segundo motivo pode ser considerado como a decadência do espetáculo circense, que ao longo dos anos perdeu seu público e seu prestígio. Dessa forma, as encenações das peças da Companhia Teatral Maracanã perdeu seu ambiente de encenação e seu público alvo, sendo que, atualmente, a filha de José Fortuna, Iara, tenta revalorizar a obra de seu pai, além de manter viva sua memória.

Referências Bibliográficas:

- FORTUNA, J. *Amor e traição*. (não publicado)
_____. *Lenda da valsa dos noivos*. (não publicado)
_____. *O beijo da morte*. (não publicado)
_____. *Os valentes também amam*. (não publicado)
MOISÉS, Massaud. (1974) *Dicionário de termos literários*. Editora Cultrix, São Paulo.
PAVIS, P. (1996) *Dictionnaire du théâtre*. Dunond, Paris.
THOMASSEAU, J. M. (2005) *O melodrama*. Perspectiva, São Paulo.
VASCONCELOS, L. P. (1987) *Dicionário de teatro*. L&PM, São Paulo.